



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

OLÁ, LINDA ANN NAPOLITANO

«LUMINOSO E MAGISTRALMENTE ESCRITO.»
THE NEW YORK TIMES



Para Julie & Whit

*Alguém pensa que é sorte ter nascido?
Apresso-me a informar esse homem ou essa mulher
que é igual sorte viver ou morrer, eu sei.*

*Morro com aquele que vai morrer e nasço com aquele que está a nascer,
não estou contido entre o meu chapéu e as minhas botas,
E examino os mais variados objetos, nenhum igual ao outro e todos bons,
Boa a Terra e boas as estrelas e bons os seus complementos.*

Walt Whitman, *Canto de Mim Mesmo*, VI, 2.^a edição,
Assírio e Alvim, Lisboa, 1999

William

FEVEREIRO DE 1960 – DEZEMBRO DE 1978

Durante os primeiros seis dias da sua vida, William Waters não foi filho único. Tinha uma irmã com 3 anos, uma menina de cabelos ruivos chamada Caroline. Havia vídeos de Caroline, sem som, nos quais o pai parecia estar a rir, uma visão que William não voltaria a ter. O rosto do pai parecia iluminado, e a minúscula ravinha, que, num dos vídeos, levantava o vestido para tapar a cara e corria em círculos, a rir-se, era aparentemente a razão. Caroline foi acometida de febre e tosse enquanto William e a mãe estavam no hospital, depois do nascimento dele. Quando voltaram para casa, a menina parecia estar a recuperar, mas a tosse ainda era muita, e quando os pais, uma manhã, foram buscá-la ao quarto, encontraram-na morta no berço.

Os pais de William nunca falaram de Caroline durante a infância dele. Havia uma fotografia dela na mesa da sala, fotografia essa que William visitava ocasionalmente para se convencer de que tivera realmente uma irmã. A família mudou-se para uma casa azul de madeira do outro lado de Newton — um subúrbio de Boston —, e nessa casa William foi filho único. O pai era contabilista e trabalhava longas horas na baixa. Com a morte da filha, o rosto do homem não voltou a iluminar-se. A mãe de William fumava e bebia *bourbon* na sala, por vezes sozinha, por vezes com

uma vizinha. Tinha uma coleção de aventais com folhos que usava quando preparava as refeições e ficava agitada sempre que algum ficava com uma nódoa ou se sujava.

— Se calhar não devias usar os aventais quando cozinhas — disse William certa vez, vendo a mãe à beira das lágrimas por causa de uma mancha escura de molho no tecido. — Podias antes prender um pano da loiça no cinto, como a Sra. Kornet.

A mãe fitou-o como se ele estivesse a falar grego.

— A Sra. Kornet, a vizinha do lado? O pano da loiça dela? — disse William.

A partir dos 5 anos, na maioria das tardes, William ia para o parque ao pé de casa com uma bola de basquetebol porque, ao contrário do basebol ou do futebol, era um jogo que podia praticar sozinho. Havia um campo ao ar livre praticamente abandonado que, regra geral, tinha um cesto vago, e William lançava bolas durante horas, fingindo ser um jogador dos Celtics. O seu favorito era o Bill Russell, mas para ser o Russell precisava de alguém para bloquear ou defender. O Sam Jones era o melhor lançador, por isso William era normalmente o Jones. Tentava imitar o lançamento perfeito do base e fingia que as árvores que rodeavam o campo eram fãs a aplaudir.

Certa tarde, tinha ele 10 anos, chegou ao campo e encontrou-o ocupado. Um grupo de rapazes — talvez uns seis, mais ou menos da idade de William — corria uns atrás dos outros, perseguindo uma bola entre os cestos. William começou a dar meia-volta para regressar a casa, mas um dos rapazes chamou-o.

— Ei, queres jogar? — E depois, sem esperar que William respondesse: — Ficas na equipa azul.

Numa questão de segundos, com o coração a palpitar, William estava envolvido no jogo. Um miúdo passou-lhe a bola e ele devolveu-a imediatamente, com medo de lançar e falhar e de que lhe dissessem que era um péssimo jogador. Minutos depois, o jogo acabou abruptamente porque alguém precisava de ir para casa, e os rapazes dispersaram em direções diferentes. William foi para casa

com o coração ainda a matraquear dentro do peito. Depois disso, William encontrava, por vezes, os rapazes no campo quando aparecia com a sua bola. Não havia um horário concreto para a sua presença, mas chamavam-no sempre para jogar, como se fosse um deles. Isto nunca deixou de chocar William. Tanto crianças como adultos tinham sempre olhado através dele, como se fosse invisível. Os pais mal olhavam para ele. William aceitara-o e sentia até que era compreensível: afinal de contas, era desinteressante e fácil de ignorar. A sua principal característica era a palidez: cabelo cor de areia, olhos azul-claros e a mesma pele branca partilhada por pessoas de ascendência inglesa e irlandesa. Por dentro, William sabia que era tão enfadonho e desengraçado quanto a sua aparência. Nunca falava com outras crianças na escola e ninguém brincava com ele. Os rapazes no campo de basquetebol, no entanto, ofereciam-lhe uma oportunidade de, pela primeira vez, fazer parte de algo sem precisar de falar.

No quinto ano, o professor de ginástica disse-lhe:

— Tu aí, costumo ver-te a lançar bolas todas as tardes. Qual é a altura do teu pai?

William olhou-o com confusão.

— Não sei. A altura normal?

— OK, então, deves ser um base. Precisas de trabalhar o controlo da bola. Sabes quem é o Bill Bradley? Aquele tipo desengonçado dos Knicks? Quando era miúdo, colava cartão na parte de baixo dos óculos para não poder ver os pés. E depois driblava rua acima, rua abaixo. Parecia um maluco, é certo, mas o drible ficou quase perfeito. Tinha perfeita noção do ressalto da bola e de como batê-la sem olhar.

Nessa tarde, William correu para casa com o corpo a vibrar de nervosismo. Fora a primeira vez que um adulto olhara diretamente para ele — que reparara nele, que reparara no que fazia —, e essa atenção perturbou-o. Teve um ataque de espirros enquanto procurava uns óculos de brincar no fundo da gaveta da secretária. Foi à casa de banho duas vezes antes de, com todo o cuidado, colar retângulos de cartão no fundo das lentes.

Sempre que William se sentia mal ou estranho, tinha medo de estar a morrer. Pelo menos uma vez por mês enfiava-se debaixo dos cobertores, convencido de estar fatalmente doente. Não dizia aos pais, porque a doença não era permitida em sua casa. Tossir, em particular, era visto como uma traição horrível. Quando William estava constipado, permitia-se tossir apenas dentro do roupeiro, com a porta fechada, abafando o rosto na fila de camisas penduradas que tinha de usar na escola. Tinha consciência da preocupação familiar a vibrar-lhe nos ombros e nuca enquanto corria para a rua com a bola e os óculos. Mas agora, William não tinha tempo para doenças, não tinha tempo para o medo. Parecia sentir que a peça final da sua identidade se encaixava no lugar. Os rapazes no campo de basquete tinham-no reconhecido e o professor de ginástica também. William podia não fazer ideia de quem era, mas o mundo dissera-lho: era um jogador de basquetebol.

O professor de ginástica deu-lhe mais algumas sugestões que lhe permitiram desenvolver as suas capacidades.

— Para a defesa: empurra os miúdos com o ombro e o rabo. Os árbitros não consideram isso falta. Faz *sprints*: consegue um primeiro drible rápido e ganha ao teu defesa.

William trabalhou também os passes, para poder passar a bola aos melhores jogadores do parque. Queria manter o seu lugar no campo, e sabia que se tornasse o jogo dos outros rapazes melhor, teria valor. Aprendeu em que zonas correr para fornecer espaço para os lançadores entrarem. Fazia bloqueios, criando espaços para que fizessem os seus lançamentos favoritos. Os rapazes davam-lhe palmadinhas nas costas depois de uma jogada bem-sucedida e queriam-no sempre do seu lado. Esta aceitação acalmou alguns dos medos que William carregava dentro de si; no campo de basquetebol, sabia o que fazer. Quando entrou na secundária, tinha qualidade suficiente para começar na equipa principal da escola. Tinha 1,73 metros e jogava como base. As horas de prática com os óculos tinham compensado: era de

longe o melhor driblador da equipa e tinha uma boa meia distância. Tinha trabalhado o ressalto, o que ajudava a diminuir as perdas de bola da sua equipa. O passe, no entanto, era o melhor talento de William, e os seus companheiros de equipa tinham noção de que os jogos lhes corriam melhor quando ele estava no alinhamento. Era o único calouro na equipa principal, pelo que quando os colegas de equipa iam beber cerveja para a cave de casa de alguém cujos pais estavam dispostos a fazer vista grossa, nunca era convidado. Os colegas de equipa ficaram chocados — toda a gente ficou chocada — quando, no verão após o seu segundo ano, William cresceu mais de doze centímetros. Depois de começar a crescer, o seu corpo parecia não conseguir parar, e, no final da secundária, William media dois metros. Não conseguia comer o suficiente para acompanhar o crescimento e tornou-se extremamente magro. A mãe parecia assustada quando ele entrava na cozinha de manhã e dava-lhe um *snack* sempre que ele passava perto. Parecia achar que a sua magreza lhe dava má reputação enquanto mãe, pois alimentá-lo era tarefa sua. Os pais iam, por vezes, aos jogos, mas apenas de vez em quando, sentando-se educadamente nas bancadas e parecendo não conhecer ninguém em campo.

Os pais não estavam presentes no jogo em que William, ao disputar um ressalto, foi atirado pelo ar. O seu corpo torceu-se ao cair e ele aterrou desastradamente em cima do joelho direito. A articulação absorveu todo o impacto e todo o seu peso. William ouviu o joelho fazer um barulho, e um nevoeiro desceu sobre ele. O treinador, que parecia ter apenas dois registos — gritar e murmurar —, gritava-lhe ao ouvido.

— Estás bem, Waters?

William geralmente respondia com perguntas, tanto aos gritos como aos murmúrios; nunca se sentia confiante o bastante para afirmar o que fosse. Pigarreou. O nevoeiro em redor e dentro de si era denso e misturava-se com a dor que irradiava do joelho.

— Não — disse.

Tinha fraturado a rótula, o que significava perder pelo menos sete semanas da sua época do 11.º ano. A perna foi imobilizada com gesso e William teve de andar de canadianas durante dois meses. O que isto significava era que, pela primeira vez desde que tinha 5 anos, não podia jogar basquetebol. William ficava sentado na cadeira da secretaria e atirava papéis amarrados para o cesto do lixo do outro lado do quarto. As nuvens que tinham descido com a lesão permaneciam; a sua pele estava húmida e quente. O médico tinha-lhe dito que recuperaria completamente e poderia jogar na época do 12.º ano, mas William sentia-se ligeiramente em pânico a cada minuto do dia. O tempo também se tornara estranho. Sentia que ia ficar preso àquele gesso, àquela cadeira, àquela casa para sempre. Começou a pensar que não conseguia fazer aquilo, ficar mais tempo dentro daquele corpo estragado. Pensou na irmã, na forma como Caroline tinha morrido. Pensava na sua ausência, que ele não compreendia, mas à medida que o ponteiro do relógio avançava de um minuto para o outro, desejava ter desaparecido também. Fora do campo de basquete, não tinha utilidade. Ninguém daria pela sua falta. Se desaparecesse, era como se nunca tivesse existido. Ninguém falava de Caroline. Ninguém falaria dele. Só quando a perna finalmente se libertou do gesso e ele pôde voltar a correr e a fazer lançamentos é que o nevoeiro e os pensamentos acerca de desaparecer diminuíram.

Graças às suas notas decentes e à promessa que era enquanto jogador de basquete, William recebeu propostas de várias universidades que possuíam programas de basquetebol da primeira liga. William agradecia as bolsas, visto que os pais nunca tinham sugerido que lhe pagariam a universidade, e porque as via como uma garantia de basquetebol na sua vida. William queria sair de Boston — nunca estivera a mais de uma centena de quilómetros do centro da cidade —, mas o calor húmido do Sul punha-o nervoso, por isso aceitou uma bolsa para a Northwestern University, em Chicago. Em finais de agosto de 1978, na estação de comboios,

William deu um beijo de despedida à mãe e apertou a mão ao pai. Com a mão premida de encontro à do pai, William teve o estranho pensamento de que talvez não os voltasse a ver — que eles só tinham tido um filho, e não era ele.

Na universidade, ao preencher o horário, William gravitou para as aulas de História. Tinha o que lhe pareciam ser lacunas a colmatar no seu conhecimento de como o mundo funcionava, e sentia que a História tinha as respostas. Agradava-lhe que a disciplina académica olhasse para eventos díspares e encontrasse um padrão. Se isto aconteceu, então aconteceu aquilo. Nada era totalmente arbitrário, podendo assim traçar-se uma linha desde o assassinato de um arquiduque austríaco até uma guerra mundial. A vida universitária era demasiado nova para ser previsível, e William esforçava-se por encontrar algum equilíbrio perante os alunos entusiasmados que lhe davam *high fives* enquanto ele percorria o corredor barulhento até à residência de estudantes. Dividia os dias entre o estudo na biblioteca, o treino no campo de basquetebol e as aulas. Em cada um desses locais, sabia o que fazer. Afundava-se nas cadeiras das salas de aulas, abria o caderno e sentia o corpo relaxar de alívio quando o professor começava a falar.

William raramente notava os outros alunos durante as aulas, mas, no seu seminário de História da Europa, Julia Padavano destacava-se, pois o seu rosto tanto parecia iluminar-se de indignação, como, com as suas perguntas, conseguia enlouquecer o professor, um inglês já com alguma idade, que exibia um enorme lenço amarrrotado na mão. Os seus cabelos compridos e encaracolados dançavam em torno do seu rosto vivo, à laia de cortinados, enquanto ela dizia coisas como «Professor, estou interessada no papel de Clementine nisto tudo. Não é verdade que ela era a principal conselheira de Churchill?» ou «Pode explicar o sistema de códigos da guerra? Quero dizer, os detalhes do seu funcionamento? Gostaria de ver um exemplo.»

William nunca falava nas aulas nem utilizava o horário de atendimento do professor. Acreditava que o papel dos alunos era ficar em silêncio e absorver o máximo de conhecimento possível. Partilhava a opinião do professor em relação à rapariga de cabelo encaracolado, ou seja, que as suas interrupções e perguntas frequentes, embora muitas vezes interessantes para William, eram rudes. A trama de uma sala de aula séria era criada por alunos que escutavam e por um professor que lhes fornecia sabedoria através de um tapete de palavras cuidadosamente desenrolado; esta rapariga abria buracos nessa trama, como se nem soubesse da sua existência.

William ficou muito surpreendido certa tarde, depois da aula, quando ela apareceu junto do seu ombro e lhe disse:

— Olá. Chamo-me Julia.

— William. Olá. — Viu-se forçado a pigarrear. Era provavelmente a primeira vez que falava nesse dia. A rapariga fitava-o com os seus olhos grandes e sérios. Ele reparou que, à luz do Sol, o seu cabelo castanho tinha reflexos da cor do mel. Ela parecia iluminada, por fora e por dentro.

— Porque é que és tão alto?

Não era invulgar as pessoas comentarem a altura de William; ele compreendia que o seu tamanho fosse uma surpresa sempre que entrava numa sala e que a maioria das pessoas se sentisse compelida a dizer alguma coisa. Sete vezes por semana ouvia coisas do género «Como é que está o tempo aí em cima?».

Julia, porém, parecia desconfiada ao fazer a pergunta, e a sua expressão fê-lo rir. Parou no caminho que atravessava o pátio, e ela também parou. William raramente se ria, e sentiu um formigueiro nas mãos, como se tivesse acabado de acordar de um sono privado de oxigénio. A sensação geral era a de estar a receber cócegas agradáveis. Mais tarde, William olharia para este momento sabendo que fora aí que se apaixonara por ela. Mais exatamente, quando o seu corpo se apaixonara por ela. No meio do pátio, a atenção de uma rapariga específica arrancava risos dos

cantos mais escondidos dentro de si. O corpo de William — cansado e entediado graças à sua mente hesitante — via-se forçado a lançar fogo de artifício nos seus nervos e músculos para o alertar de que algo de importante estava a acontecer.

— Estás a rir porquê? — perguntou Julia.

A custo, ele conseguiu conter o riso.

— Por favor, não fiques ofendida — pediu.

Ela assentiu impacientemente com a cabeça.

— Não fiquei.

— Não sei porque é que sou tão alto. — Contudo, secretamente, ele acreditava que tinha crescido tanto por causa da sua força de vontade. Um verdadeiro jogador de basquetebol precisava de medir, pelo menos, 1,90 metros, e William preocupara-se tanto com isso que, de alguma forma, desafiara a sua genética.

— Estou na equipa de basquetebol da universidade.

— Pelo menos estás a transformar isso numa virtude — disse ela. — Talvez vá ver um dos teus jogos. Geralmente não me interesso por desporto. Só venho ao *campus* para as aulas. — Fez uma pausa, e depois disse rapidamente, como se isso a embaraçasse.

— Vivo em casa dos meus pais, para poupar dinheiro.

Julia pediu-lhe que anotasse o seu número de telefone no caderno de História e, antes de ela se ir embora, ele concordou em telefonar-lhe na noite seguinte. De certa forma, era irrelevante que se tivesse apaixonado por ela ou não. No meio do pátio, aquela jovem parecia ter decidido que seriam namorados. Mais tarde, ela contar-lhe-ia que o tinha observado nas aulas durante semanas e que lhe agradara a sua atitude séria e atenta. «Sem tolices, ao contrário dos outros rapazes», explicou.

Mesmo depois de conhecer Julia, o basquetebol continuou a ocupar a maior parte do tempo e dos pensamentos de William. Tinha sido o melhor jogador na sua equipa do liceu; em Northwestern, sentia-se desanimado ao perceber que estava entre os mais fracos. Nesta equipa, a altura não bastava para se destacar, e os outros rapazes eram mais fortes do que ele. A maioria

levantava pesos há alguns anos. William sentia-se em pânico por não ter pensado em fazer o mesmo. Era facilmente empurrado e derrubado durante os treinos. Começou a ir à sala de pesos antes de ir treinar e ficava no campo até tarde para treinar lançamentos de diferentes ângulos. Como estava sempre com fome, guardava sandes nos bolsos do blusão. Percebeu que o seu papel na equipa seria provavelmente o de «cola». Era suficientemente bom nos passes, nos lances e na defesa para se tornar útil, apesar de não ser um atleta dotado. A sua capacidade mais valiosa era a de raramente cometer erros em campo. «Elevado QI de basquete, mas sem capacidade de salto», ouviu um dos treinadores dizer, sem saber que ele estava por perto.

A sua bolsa exigia que ele tivesse um trabalho no *campus* e, de uma lista de possibilidades, escolheu a que se realizava no edifício do ginásio, uma vez que era conveniente para o basquete. À hora marcada, compareceu na lavandaria, na subcave do enorme edifício, e foi confrontado com uma mulher de óculos, muito magra, com uma cabeleira afro altíssima. Esta abanou a cabeça:

— Estás no sítio errado. Disseram-te para vires aqui? Os rapazes brancos não trabalham na lavandaria. Tens de ir para a biblioteca ou para o centro recreativo dos estudantes. Vai lá.

William observou a extensão da sala comprida e estreita. Havia uma fila de trinta máquinas de lavar numa parede, e trinta máquinas de secar na outra. Era verdade que, pelo que via, mais ninguém era branco.

— O que é que isso importa? — disse. — Quero fazer este trabalho. Por favor.

Ela abanou novamente a cabeça e os óculos descaíram-lhe no nariz, mas, antes de conseguir falar, uma mão bateu nas costas de William e uma voz rouca disse o seu nome. Ele virou-se e viu um dos outros caloiros da equipa de basquete, um vigoroso extremo-poste chamado Kent. Este tinha as capacidades quase opostas às de William no basquete: era um atleta superior que afundava teatralmente, que se movia agressivamente nos ressaltos e corria

todos os minutos em que estava no jogo, mas que lia mal as jogadas, causava inúmeras perdas de bola e nunca sabia onde se posicionar na defesa. O treinador levava sempre as mãos à cabeça quando via Kent correr pelo campo, provavelmente tonto com a disparidade entre o potencial físico do jovem e o seu jogo errático de alta velocidade.

— Então, meu — disse Kent —, também vens trabalhar aqui? Posso mostrar-lhe como fazer as coisas, se quiser, minha senhora. — Kent dirigiu um sorriso encantador à mulher severa, e ela amoleceu.

— Pronto, está bem. Tira-o da minha frente e eu finjo que ele não está aqui.

Daí em diante, William e Kent organizaram os seus turnos na lavandaria de modo a trabalharem lado a lado. Lavavam centenas de toalhas e os equipamentos de todas as equipas. Os de futebol eram os piores, por causa do cheiro e das nódoas de relva que exigiam que se esfregasse o tecido com uma lixívia especial. William e Kent desenvolveram um ritmo para cada passo do processo de lavandaria; com o foco no *timing* e na eficiência, o trabalho parecia uma extensão do treino de basquetebol. Usavam o tempo para planejar jogadas e perceber como a equipa podia melhorar.

Certa tarde, enquanto dobravam uma enorme pilha de toalhas, William explicou:

— É assim: começa com passe de base para base, o extremo vem do bloqueio na linha de fundo, e um base faz um bloqueio indireto ao poste.

Fez uma pausa, para se certificar de que Kent estava a segui-lo.

— Se o passe entra no poste, o extremo sai para o canto e o outro extremo sai do bloqueio, e então o base faz um bloqueio indireto no lado mais fraco.

— Bloquear o bloqueador.

— É isso. E se o poste passa para o extremo, então o movimento repete-se continuamente.

— Isso é demasiado previsível! O treinador quer que façamos sempre e sempre a mesma coisa...

— Mas se fizermos bem, não há muito que uma defesa possa fazer para nos parar. Mesmo que eles saibam o que vai acontecer. Sobretudo se nós...

— Rapazes — disse o homem junto à máquina de secar seguinte —, sabem que o que dizem não faz sentido nenhum? Quer dizer, eu vejo basquete, e não faço ideia do que estão a falar.

Kent e William sorriram-lhe. No final do turno, subiram para o ginásio, onde a temperatura estava muito mais fria, e fizeram lançamentos.

Kent era de Detroit, tinha opiniões sonantes sobre todos os jogadores e equipas da NBA, e muitas vezes interrompia as frases a meio para se rir de uma das muitas piadas parvas que voavam como aviões de papel no balneário. Durante os treinos, o treinador ralhava-lhe repetidamente por se exibir, e Kent pedia desculpa, mas era incapaz de não voltar a fazê-lo cinco minutos depois.

— Vamos aos básicos! — troava o treinador, vez após vez.

Kent dizia ser aparentado com Magic Johnson, um sénior da Michigan State vastamente considerado como primeira escolha no próximo recrutamento da NBA. Era tão fácil para Kent fazer amigos — toda a gente gostava dele —, que William não percebia porque escolhera passar tempo consigo. O que via, de facto, era que Kent parecia deleitar-se no silêncio de William como uma oportunidade de gerir a amizade entre ambos. Kent fazia a maior parte da conversa, e só aos poucos William percebeu que ele contava histórias pessoais para o levar a partilhar as suas. Depois de o ouvir falar sobre a leucemia da avó, a qual apanhara toda a família de surpresa — ao que parecia, ela afirmava que ia viver para sempre, e era uma força tão poderosa que todos tinham acreditado nisso —, William contou a Kent que trocara apenas uma carta com os pais até à data e que iria ficar na universidade durante as férias de Natal.

Após uma longa noite de treino, enquanto caminhavam lentamente pelo pátio, sentindo cãibras por causa do esforço, Kent disse:

— Às vezes tenho de me lembrar que não importa se o treinador me põe no banco ou grita comigo por não gostar do meu lindo jogo. Vou para a faculdade de medicina. Ele não pode impedir que o meu futuro aconteça.

William ficou surpreendido.

— Vais ser médico?

— Cem por cento. Ainda não tenho tudo organizado, mas vou fazê-lo. E tu, o que vais fazer depois da universidade?

William teve consciência dos seus dedos frios. Estavam no princípio de novembro e, quando inspirava, sentia o ar gelado nos pulmões. William nunca considerara a vida depois da universidade; tinha consciência de que mantinha propositadamente os olhos longe do futuro. Queria dizer «basquetebol», mas não era suficientemente bom para que essa se tornasse a sua carreira. O facto de Kent lhe fazer a pergunta confirmava que também não o achava bom o suficiente.

— Não sei — disse William.

— Então, vamos começar a pensar nisso — disse Kent. — Tu tens talentos. Temos tempo.

Tenho talentos?, pensou William. Não tinha noção de nenhum, fora do campo de basquetebol.

Julia assistiu a um jogo no princípio de dezembro, e quando William a avistou nas bancadas, a sua visão enevoou-se e passou a bola à outra equipa.

— Ei! — gritou Kent correndo junto dele. — Que estupidez foi essa?

Na meia quadra de defesa, William fez dois roubos de bola que transformaram a energia do jogo a favor dos Wildcats. No ataque, no topo do garrafão, fez um passe picado para um lançador liberto no canto. Kent gritou, mesmo antes do meio tempo: «Já percebi! Tens aqui uma rapariga! Onde é que ela está?»

Depois do jogo — com a vitória dos Wildcats e os melhores minutos do início da temporada de William —, subiu às bancadas para ir ter com Julia. Só ao aproximar-se percebeu que ela estava sentada com três raparigas parecidas com ela. Tinham todas os mesmos caracóis selvagens pelos ombros.

— Estas são as minhas irmãs — disse Julia. — Trouxe-as para serem as tuas olheiras. É a linguagem do basquete, não é?

William assentiu com a cabeça e — sob o escrutínio das quatro raparigas — teve de repente consciênciade como os seus calções eram curtos e como a sua camisola de alças era transparente.

— Nós gostámos — disse uma das raparigas de aspetto mais jovem —, mas parece ter sido muito cansativo. Acho que nunca na minha vida inteira suei tanto como tu. Sou a Cecelia e esta é a Emeline, a minha gémea. Temos 14 anos.

Emeline e Cecelia dirigiram-lhe sorrisos amigáveis, e ele sorriu-lhes de volta. Julia e a outra irmã estavam a examiná-lo como se fossem joalheiras a avaliar uma pedra preciosa. Não ficaria surpreendido se uma delas tirasse uma lupa de relojoeiro da mala e a encostasse ao olho.

Julia falou.

— Parecias tão poderoso... ali, no campo.

William corou e o cimo das bochechas de Julia também ficou rosado. Conseguia ver o desejo daquela rapariga bonita por ele, e não acreditava na sua sorte. Nunca o tinham desejado. Tinham vontade de a tomar nos braços, em frente das irmãs, em frente do pavilhão todo, mas esse género de ação arrojada não estava na natureza de William. Estava encharcado em suor, e Julia recomeçara a falar.

— Esta é a minha irmã Sylvie — apresentou. — Eu sou a mais velha, mas apenas dez meses.

— Prazer em conhecer-te — disse Sylvie.

O cabelo dela era um tom mais escuro do que o de Julia e era mais miudinha, menos curvilínea. Pôs-se a examinar William, enquanto Julia continuava radiosa como um pavão, com o leque

de penas todo aberto. Sem se conseguir mexer, William notou um dos botões da blusa de Julia libertar-se da respetiva casa, demasiado pressionado pelo generoso peito da rapariga. Teve um vislumbre de um soutien cor-de-rosa antes de ela se aperceber e de voltar a compor-se.

— Quantos irmãos tens? — A pergunta partira de Emeline ou de Cecelia, enfim, de uma delas. Não eram idênticas, mas, para William, eram muito parecidas. A mesma pele morena, o mesmo cabelo castanho-claro.

— Irmãos? Nenhum — disse ele, embora, claro, tivesse pensado na fotografia emoldurada da criança ruiva na sala de estar dos pais.

Julia já sabia que ele era filho único — tinha sido uma das suas primeiras perguntas durante o primeiro telefonema —, mas as outras três raparigas pareciam comicamente chocadas.

— Isso é terrível — disse Emeline ou Cecelia.

— Devíamos convidá-lo para jantar lá em casa — sugeriu Sylvie, e as outras raparigas acenaram com as cabeças em concordância. — Parece sozinho.

E, dessa forma, ao fim de quatro meses na universidade, William deu por si com a primeira namorada e uma nova família.

Julia

DEZEMBRO DE 1978 – JULHO DE 1981

Julia estava no jardim das traseiras, um retângulo de cinco metros por quatro limitado por cercas de madeira, a ver a mãe apanhar as últimas batatas da estação, exatamente à hora a que William devia chegar. Sabia que ele seria pontual e que uma das irmãs lhe abriria a porta. William seria provavelmente envergonhado pelo pai, que lhe perguntaria se ele sabia algum poema de cor, e por Emeline e Cecelia, que não parariam quietas nem caladas. Sylvie estava a trabalhar na biblioteca, pelo que seria poupadão ao seu olhar inquisidor. Alguns minutos sozinho com as irmãs e o pai ajudariam William a conhecê-los — Julia queria que ele visse como eram amorosos —, e, como bónus, ficaria ainda mais entusiasmado por vê-la quando ela entrasse. Julia era famosa na sua família por fazer grandes entradas, o que, na verdade, significava apenas que pensava no *timing*, enquanto mais ninguém da família o fazia. Quando era pequena, Julia rodopiava para dentro da cozinha ou da sala gritando *tcharan!*

Que pensaria William da sua casinha pequena, espremida entre as idênticas casas quadrangulares em 18th Place? Os Padavanos viviam em Pilsen, um bairro da classe operária cheio de imigrantes. As laterais dos edifícios estavam adornadas por murais coloridos, e no supermercado local era tão provável ouvir falar

espanhol ou polaco como inglês. Julia temia que William achasse decréritos, tanto o bairro, como o interior da casa da sua família. O sofá florido tapado com plástico. O crucifixo de madeira na parede. A multidão de santas emolduradas ao lado da mesa de jantar. Quando a mãe de Julia estava frustrada, nomeava-as em voz alta, de olhos fixos nos rostos das mulheres, como que a implorar-lhes que a salvassem daquela família. *Adelaide, Inês de Roma, Catarina de Siena, Clara de Assis, Brígida da Irlanda, Maria Madalena, Filomena, Teresa de Ávila, Maria Goreti.* As quatro raparigas Padavano sabiam recitar aqueles nomes melhor do que o rosário. Era invulgar que um jantar de família terminasse sem o pai a recitar poesia ou a mãe, as suas santas.

Julia estremeceu de frio. Estava sem casaco; fazia quatro graus no exterior e a maioria dos habitantes de Chicago recusava-se a considerar que estava frio enquanto a temperatura não descesse abaixo de zero.

— Gosto dele — disse ela para as costas da mãe.

— É um bêbedo?

— Não. É jogador de basquetebol. E estudante do quadro de honra. Vai formar-se em História.

— É tão inteligente como tu?

Julia ponderou. William era claramente inteligente. O seu cérebro funcionava. Fazia perguntas que a deixavam perceber que estava interessado em compreendê-la. Contudo, a sua inteligência não se revelava sob a forma de opiniões fortes. Era interessado nas perguntas e incerto nas respostas; era moldável. William tinha estudado com Julia algumas vezes na Biblioteca Lozano, a qual ficava apenas a alguns quarteirões de distância da casa dos Padavanos. Sylvie trabalhava na biblioteca, que toda a gente do bairro usava como ponto de encontro, mas estudar ali implicava que William teria pela frente uma hora de viagem à noite, muito tarde, de regresso à residência de estudantes. Quando faziam planos para o fim de semana, ele dizia sempre: «Fazemos o que quiseres. Tens as melhores ideias.»

Julia nunca tinha considerado a ideia de inteligência física até assistir ao jogo de basquetebol de William. Ficou surpreendida por se ter sentido tão excitada ao ver William competir com a sua equipa. Tinha visto um lado dele mais voluntarioso do que o que mostrava fora do campo: gritando instruções aos companheiros de equipa, usando o seu corpo forte e alto para bloquear o acesso de um adversário ao cesto. Julia não tinha interesse em desporto e não compreendia as regras, mas o seu bonito namorado correra e saltara e girara com uma fisicalidade tão pura e uma tal intensidade de foco, que ela dera por si a pensar: *sim*.

— Ele é uma pessoa séria — disse Julia. — Leva a vida a sério, tal como eu.

Rose pôs-se de pé. Um estranho poderia ter-se rido ao vê-la, mas Julia estava acostumada à indumentária da mãe. Quando jardinava, Rose usava um equipamento de recetor de basebol modificado, encimado por um *sombrero* azul-marinho. Achava tudo na rua. A sua parte do bairro era totalmente italiana, mas muitas das outras ruas estavam cheias de famílias mexicanas, e Rose tirara o chapéu do lixo de alguém após uma celebração do Cinco de Maio. Apanhara o equipamento de basebol quando Frank Ceccione, que morava duas portas abaixo, se metera na droga e abandonara a equipa da secundária. Rose usava as suas enormes proteções de pernas e cosera grandes bolsos para os utensílios de jardinagem no protetor de peito. Parecia preparada para uma espécie de jogo — só não era muito claro que jogo seria esse.

— Então, não é mais inteligente do que tu. — Rose levantou o *sombrero* e passou a mão pelo cabelo, encaracolado, como o das filhas, mas entremeado de brancos.

Não era, de longe, tão velha como parecia, mas, anos antes, Rose proibira qualquer celebração do seu aniversário, uma declaração de guerra pessoal contra a passagem do tempo. A mãe de Julia fixou os olhos nas filas de terra da sua horta. Batatas e cebolas era tudo o que restava para ser apanhado; a maior parte do trabalho de Rose era agora dedicado a preparar a horta para

o inverno. As únicas secções de terra não cultivada estavam reservadas para um caminho estreito entre as plantas e uma escultura branca da Virgem Maria, encostada ao canto esquerdo da cerca ao fundo da horta. Rose suspirou.

— Ainda bem, acho eu. Eu sou um milhão de vezes mais inteligente do que o teu pai.

Julia percebia perfeitamente que «inteligente» era um termo ambíguo — como é que se quantificava isso, quando nenhum dos seus pais tinha frequentado a universidade? —, mas a mãe tinha razão. Julia vira fotos de Rose, bonita e aprumada, sorrindo na sua pequena horta com Charlie, no início do seu casamento, mas a mãe acabara por aceitar e envergar a deceção marital da mesma forma que envergava a sua ridícula indumentária de jardinagem. Todos os seus consideráveis esforços para incentivar o marido a algum género de estabilidade financeira e sucesso tinham sido em vão. Agora, a casa era o espaço de Charlie, e o refúgio de Rose era a horta.

O céu estava a escurecer e o ar arrefecia. Quando as temperaturas abaixo de zero viam para ficar, o bairro silenciava-se, mas, esta noite, tagarelava como se tentasse pronunciar as palavras finais: gargalhadas sonoras de crianças distantes; a velha Sra. Ceccione a gorjeejar no seu jardim; uma mota a tossir três vezes antes de pegar.

— Acho que está na hora de ir para dentro — disse Rose.
— Envergonha-te a forma como a tua velhota está vestida?

— Não — disse Julia.

Ela sabia que a atenção de William estaria voltada para si. Adorava o olhar cheio de esperança que William lhe dirigia, como se fosse um barco a olhar o porto almejado. William tinha crescido numa boa casa, com um pai que tinha uma profissão, um grande relvado e um quarto só para si. Claramente reconhecia o sucesso e a segurança, e o facto de ele ver essas possibilidades em Julia era imensamente agradável para ela.

Rose tentara construir uma vida sólida, mas Charlie desencaminhara ou derrubara cada pedra por ela lançada. Julia tinha

decidido a meio da sua primeira conversa com William que ele era o homem para ela. Tinha tudo o que ela procurava e, tal como dissera à mãe, gostava mesmo dele. Vê-lo fazia-a sorrir e adorava encaixar a sua mão pequena na enorme mão dele. Formavam uma excelente equipa: William tinha experimentado o género de vida que Julia queria, por isso podia direcionar a infindável energia dela enquanto construíssem o seu futuro juntos. Quando ela e William estivessem casados e estabelecidos na sua própria casa, ela ajudaria a sua família. A sua sólida fundação alargar-se-ia para se tornar na deles.

Quase riu alto ao perceber o alívio na cara do namorado quando a viu entrar. William estava sentado ao lado do pai no sofá que rangia, e Charlie tinha o braço no ombro do jovem rapaz. Cecelia estava esparramada no velho cadeirão vermelho e Emeline olhava para o espelho pendurado ao lado da porta da rua, ajeitando o cabelo.

Com uma voz séria, Cecelia dizia:

- Tens um nariz magnífico, William.
- Oh — disse ele, claramente surpreendido. — Obrigado?
- Julia sorriu.
- Não ligues à Cecelia. Ela fala assim porque é artista.

Cecelia tinha acesso especial à sala de artes do liceu, e considerava tudo na sua linha de visão como fonte de material para futuras pinturas. Da última vez que Julia — intrigada pela expressão concentrada no rosto de Cecelia — perguntara à irmã em que pensava, ela respondera «púrpura».

— Tens mesmo um nariz bonito — disse Emeline educadamente, reparando no rubor de William e querendo fazê-lo sentir-se melhor. Emeline interpretava sempre o tom emocional das salas e queria que toda a gente se sentisse confortável e contente em todos os momentos.

— Ele não sabe uma palavra de Whitman — disse Charlie a Julia. — Consegues imaginar? O William chegou aqui mesmo a tempo. Dei-lhe alguns versos para o ajudar.

— Ninguém conhece Whitman tirando tu, papá — disse Cecelia.

O facto de William não conhecer nenhum dos poemas de Walt Whitman era uma validação adicional para Julia de que o namorado era diferente do pai. Percebia pela voz de Charlie que estivera a beber, mas ainda não estava bêbedo. Tinha um copo na mão, meio cheio, com cubos de gelo a derreter.

— Posso reservar o *Folhas de Erva* para ti na biblioteca, se quiseres — disse Sylvie a William. — Vale a pena lê-lo.

Julia não tinha reparado em Sylvie, que estava à porta da cozinha. Devia ter chegado a casa do seu turno na biblioteca, e os seus lábios ostentavam o género de vermelho-escuro que significava que tinha estado a beijar um dos seus rapazes nos corredores entre as estantes. Sylvie frequentava o 12.º ano e passava as horas livres a fazer o máximo de turnos possíveis para poupar dinheiro para a universidade comunitária. Não conseguia uma bolsa académica como Julia, porque não possuía a determinação da irmã para obter uma. Sylvie tinha nota máxima nas disciplinas que lhe interessavam, mas Suficiente ou Insuficiente em tudo o resto. Julia manobrara a sua determinação como se fosse um cortador de relva e cortara através da escola secundária com o passo seguinte sempre em vista.

— Obrigado — disse William. — Receio não ter lido muita poesia, em geral.

Julia tinha a certeza de que William não notara os lábios da irmã, e mesmo que tivesse notado, não perceberia o que significavam. Sylvie era a irmã de que Julia era mais próxima, e era também a única pessoa que inibia Julia, que a deixava sem palavras. A irmã lera centenas de romances — tinha sido o único interesse e passatempo de Sylvie durante as suas vidas —, e, daqueles livros, arrancara um objetivo para a vida: viver uma grande história de amor, daquelas que acontecem uma vez num século. Embora fosse um sonho de infância, Sylvie ainda se agarava a ele com ambas as mãos. Procurava-o — a sua alma gémea

— todos os dias da sua vida. E curtia com rapazes durante os seus turnos na biblioteca para treinar para quando o encontrasse. «Não é correto praticar assim», declarara Julia quando estavam deitadas lado a lado no escuro do seu quarto, à noite. «E, seja como for, o género de amor que procuras é inventado. A ideia de amor nesses livros — *O Monte dos Vendavais*, *Jane Eyre*, *Anna Karenina* — é de que este é uma força que te oblitera. São sempre tragédias, Sylvie. Pensa nisso. Esses romances acabam todos em desespero ou morte.»

Sylvie tinha suspirado.

«A tragédia não é a questão», respondeu. «Lemos esses romances hoje em dia porque o amor é tão imenso e verdadeiro que não podemos desviar os olhos. Não é obliteração, é um género de expansão, acho eu. Se eu tiver a sorte de conhecer um amor assim...» Calou-se, incapaz de pôr em palavras o quanto isso seria significativo.

Julia abanou a cabeça à visão dos lábios vermelhos da irmã, porque este sonho era capaz de fazer ricochete. Sylvie preocupava-se demasiado e vivia demasiado na sua cabeça. Seria catalogada como galéria e acabaria por casar com um falhado bem-parecido por este a olhar de uma forma que lhe lembra Heathcliff.

Emeline estava a falar do seu professor da sala de estudo, que se encontrava em liberdade condicional por fumar marijuana.

— Ele é tão honesto — disse ela. — Contou-nos que tinha sido apanhado e tudo. Espero que não se meta em mais sarilhos por nos ter contado. Parece não compreender as regras dos adultos em relação ao que dizer e ao que guardar para si. Estou sempre com vontade de o mandar calar.

— Também lhe devias dizer para não fumar erva — aconselhou Cecelia.

— Vamos comer? — Rose viera do seu quarto, lavada e envergando um dos seus melhores vestidos de trazer por casa.

— É muito bom conhecer-te, William. Gostas de vinho tinto?

Ele pôs-se de pé, desdobrando o seu corpo comprido do sofá baixo. Assentiu com a cabeça.

— Olá, minha senhora.

— Santa mãe de Maria. — Ela mal tinha metro e meio. — Não te lembreste de avisar que ele era um gigante, Julia?

— Mas é uma maravilha, não é? — disse Charlie. — Amoleceu a nossa Julia, o que eu não teria julgado possível. Olha para o sorriso dela.

— Pai — disse Julia.

— Em que posição jogas? — perguntou Charlie a William.

— Extremo.

— Ah! Se tu és o extremo, detestaria conhecer o poste.

— Pergunto-me qual será a explicação evolucionária para este género de altura — disse Sylvie. — Precisaríamos de pessoas que pudesse espreitar por cima de muros, para ver se vinha lá o inimigo?

Toda a gente na sala se riu, incluindo William, e Julia achou que ele parecia um pouco comovido no centro da ação. Avançou para ele e sussurrou:

— Somos excessivos para ti?

Ele apertou-lhe a mão, um gesto que ela compreendeu que significava ao mesmo tempo sim e não.

O jantar não foi delicioso. Apesar de cultivar legumes lindos, Rose detestava cozinar, por isso faziam turnos para tratar dos jantares. Os legumes, aliás, não eram para eles — eram vendidos pelas gémeas todos os fins de semana num mercado de agricultores num bairro rico vizinho. Era a vez de Emeline cozinar, o que significava comida congelada. O convidado era o primeiro a escolher a sua; William escolheu peru, que vinha num tabuleiro com pequenos compartimentos para puré de batata, ervilhas e molho de arando. Os membros da família escolheram descuidadamente depois dele e começaram a comer. Emeline também tinha feito croissants, tirados da embalagem e cozidos no forno. Estes suscitaram mais entusiasmo e desapareceram em dez minutos.

— A minha mãe fazia este género de jantar quando eu era pequeno — disse William. — É agradável comê-lo outra vez. Obrigado.

— Fico feliz por não estares consternado com a nossa receção — disse Rose. — Gostava de saber se foste educado como católico.

— Frequentei sempre a escola católica em Boston.

— Vais seguir a mesma profissão do teu pai? — perguntou Charlie.

A pergunta surpreendeu Julia, e ela percebeu que também sobressaltara as irmãs. Charlie nunca falava de trabalho, nunca perguntava sobre o emprego de ninguém. Detestava o seu emprego na fábrica de papel. A única razão para não ser despedido — segundo Rose — era o facto de o dono da fábrica ser seu amigo de infância. Charlie dizia regularmente às filhas que um emprego não fazia uma pessoa. «O que é que te faz, pai?», perguntara Emeline alguns anos antes em resposta a este comentário. Falara com toda a sua doçura de menina pequena; era do consenso comum que ela era a mais gentil e franca das quatro raparigas. «O teu sorriso», respondera Charlie. «O céu noturno. O cornizo a florir em frente à casa da Sra. Ceccione.»

Julia ouvira e pensara: *Só disparates. E sem utilidade para a mãe, que lava a roupa de estranhos todas as semanas para pagar as contas.*

Talvez Charlie estivesse a tentar fazer o mesmo tipo de perguntas que achava que os outros pais faziam aos namorados das filhas. Depois de as palavras lhe saírem da boca, terminou a sua bebida e estendeu a mão para a garrafa de vinho.

«O pai parecia assustado», notaria Sylvie mais tarde ao falar com Julia no escuro. «E ouviste a mãe usar a palavra “consternado”? Ela nunca fala assim. Estavam os dois a exibir-se para o William.»

— Não, senhor — respondeu William. — O meu pai é contabilista. Eu... — Hesitou, e Julia pensou, *Isto é difícil para ele. Não tem a resposta. Tem falta de respostas.*

Um arrepio de prazer percorreu-lhe a espinha. Julia era especialista em respostas. Desde que começara a falar que dava ordens às irmãs, apontando os seus problemas e fornecendo soluções. Por vezes, as irmãs achavam isto irritante, mas também admitiam que ter uma «solucionadora de problemas encartada» na sua própria casa era uma mais-valia. Uma a uma, iam ter com ela e diziam humildemente: «Julia, tenho um problema.» Podia ser por causa de um rapaz cruel, de um professor severo ou de um colar emprestado e perdido. E Julia delirava com o pedido, esfregava as mãos e descobria o que fazer.

— Se o basquete não resultar, talvez... — disse William. A sua voz deteve-se. Parecia tão perdido como Charlie um momento antes, suspenso no tempo, como se a sua única esperança fosse o fim da frase aparecer magicamente.

— Talvez se torne professor — disse Julia.

— Oh — disse Emeline, aprovando. — Há um professor bem-parecido a dois quarteirões daqui, e as senhoras seguem-no por todo o lado. Usa casacos incríveis.

— Professor de quê? — perguntou Sylvie.

— Não faço ideia — disse Emeline. — Não importa, pois não?

— Claro que importa.

— Um *professor* — repetiu Charlie, como se Julia tivesse dito «astronauta» ou «presidente dos Estados Unidos». Rose estava sempre a falar da universidade, mas a sua instrução terminara depois do liceu, e Charlie desistira da universidade depois de Julia nascer. — Isso era qualquer coisa.

William lançou um olhar a Julia, em parte agradecimento, em parte algo mais, e a conversa à mesa prosseguiu.

Depois do jantar, enquanto passeavam pelo bairro, William disse:

— Que conversa foi aquela de eu ser professor?

Julia sentiu as bochechas ficarem vermelhas.

— Queria ajudar, e o Kent disse-me que estavas a escrever um livro acerca da história do basquetebol.

William largou-lhe a mão, sem parecer dar por isso.

— Disse? Não é um livro. Nesta altura, quase não passam de anotações. Não sei se alguma vez será um livro. Não sei o que vai ser.

— É impressionante — disse ela. — Não conheço mais nenhum universitário que esteja a escrever um livro no seu tempo livre. É muito ambicioso. A mim, dá-me ideia de um futuro professor.

Ele encolheu os ombros, mas ela percebeu que ele estava a considerar a hipótese.

William era alto e fazia sombra por cima dela. Um homem, mas jovem. Esta noite, Pilsen estava abafada sob um céu azul-marinho. Eles estavam numa pequena rua lateral. Ela via o pináculo da igreja de St. Procopius, onde a sua família assistia à missa de domingo, alguns quarteirões à direita. Julia pensou em Sylvie a ser beijada de encontro a uma fila de romances de ficção científica sob as luzes brilhantes da biblioteca. Estendeu a mão e puxou o peito do casaco de William. *Chega aqui abaixo.*

Ele conhecia este sinal e baixou a cabeça. Os seus lábios encontraram os dela — gentis, quentes — e uniram-se no meio da rua, no meio do seu romance, no meio da sua vizinhança. Julia gostava de beijar William. Tinha beijado um ou dois rapazes antes dele, mas esses abordavam o beijo como se fosse o tiro de partida num *sprint*. Presumivelmente, a linha de meta era o sexo, mas nenhum dos rapazes esperava chegar tão longe; estavam apenas a tentar cobrir o máximo de terreno possível antes de Julia suspender a corrida. Um beijo na bochecha transformava-se num beijo nos lábios, que escalava rapidamente para um beijo com língua, e logo a seguir o rapaz estava a apalpar-lhe o peito como se tentasse calcular a sua medida. Julia nunca deixara ninguém ir além desse ponto, mas todo o empreendimento era tão enervante que ela só conseguira sentir os beijos como algo molhado e descuidado. William, contudo, era diferente. Os seus beijos eram lentos e não parte

de uma corrida, o que permitia a Julia relaxar. Como se sentia segura, diferentes partes do seu corpo acenderam-se, e ela encostou o corpo macio ao dele. Com William, pela primeira vez, ela queria mais. Queria-o.

Quando finalmente se separaram, ela murmurou para o seu peito:

— Vou sair deste sítio.

— De que sítio? Da casa dos teus pais?

— Sim, e deste bairro. Depois da universidade. Quando... —

Foi a vez de Julia hesitar. — Quando a minha vida real começar. Aqui, nada começa. Viste a minha família. As pessoas ficam encalhadas aqui. — Ela imaginou a terra na horta de Rose: rica, com pedrinhas, pegajosa ao toque. Esfregou a mão no casaco de William, como que para limpar a sujidade. — Há bairros muito mais agradáveis em Chicago. São um mundo diferente daqui. Gostavas de voltar a Boston?

— Eu gosto disto — disse ele. — Gosto da tua família.

Julia percebeu que tinha estado a suster a respiração, esperando a resposta dele. Tinha decidido que William era o seu futuro, mas não tinha a certeza de ele sentir o mesmo, embora suspeitasse que sim.

— Eu também gosto deles — disse. — Só não quero ser eles.

Quando Julia entrou sorrateiramente em casa, mais tarde nessa noite, e chegou ao quarto minúsculo que partilhava com Sylvie, encontrou todas as irmãs à espera, com as suas camisas de dormir. Ofereceram-lhe sorrisos triunfantes.

— Que é? — sussurrou ela, incapaz de não devolver os sorrisos.

— Estás apaixonada! — sussurrou Emeline, e as raparigas puxaram Julia para a sua cama, numa celebração da primeira delas a dar esse passo, a primeira delas a entregar o seu coração a um rapaz. As gémeas e Sylvie tombaram na cama de solteiro com ela. Tinham feito isto inúmeras vezes; tornara-se mais difícil

à medida que os seus corpos cresciam, mas elas sabiam como dobrar os membros e posicionar-se para o tornar possível.

Julia riu-se, tapando a boca com a mão, com o cuidado de não fazer barulho para não acordar os pais. Ficou surpreendida por encontrar lágrimas nos seus olhos, embrulhada nos braços das irmãs.

— É possível que esteja — disse.

— Nós aprovamos — disse Sylvie. — Ele olha para ti como se fosses a maior. E és.

— Gosto da cor dos olhos dele — disse Cecelia. — São de um tom invulgar de azul. Vou pintá-los.

— Não é o teu género de amor, Sylvie — disse Julia, desejando tornar aquilo claro. — É de um género sensato.

— Claro — disse Sylvie, e beijou-a na bochecha. — Tu és uma pessoa sensata. E estamos tão felizes por ti.

William pediu-a em casamento no terceiro ano de faculdade. Era esse o plano, o plano de Julia. Casariam logo depois de se licenciarem. Ela mudara a sua especialização de Humanidades para Economia, depois de fazer uma cadeira fascinante de Psicologia Organizacional. Aprendera sobre sistemas, sobre o modo como cada negócio era constituído por uma coleção de partes intrincadas, motivações e movimentos. Se uma parte não funcionasse ou estivesse desfasada, isso podia condenar toda a empresa. O seu professor era um consultor que aconselhava empresas sobre a forma de tornar o seu *workflow* mais «eficiente» e «eficaz». Julia trabalhou para o Professor Cooper durante o verão entre o terceiro ano e o quarto, tomando notas e desenhando gráficos de operações negociais em papel de arquiteto. A sua família troçava dos seus sapatos azul-marinho e do fato de saia e casaco, mas ela adorava entrar no frio do ar condicionado dos edifícios de escritórios, adorava a forma como todos se vestiam, parecendo levar-se a sério, a si e ao seu trabalho; até adorava atravessar nuvens

de fumo de cigarro no seu caminho para a casa de banho das mulheres. Os homens tinham a aparência que ela considerava ser a aparência que os homens deviam ter, e comprou a William uma camisa branca para o seu aniversário. Planeava acrescentar um blazer de bombazina no Natal. William decidira concretizar a sugestão de Julia de se tornar professor. Julia apreciava a elegância dos seus planos: noiva este verão, licenciatura e casamento no verão seguinte, e então William entraria num programa de doutoramento. Julia adorava viver neste momento, com a vida diretamente em frente dela e não à distância. Tinha passado a infância à espera de crescer para poder estar aqui, a ser bem-sucedida na vida adulta.

William estava a passar o seu último verão completo em Northwestern no campo de treino de basquetebol, e Julia ia muitas vezes ter com ele ao centro de atletismo ao fim do dia, para jantarem juntos. Por vezes, encontrava Kent no pátio, quando este saía do treino mais cedo para ir para o seu emprego de verão na enfermaria da universidade. Julia gostava de Kent, mas sentia-se sempre ligeiramente desconfortável perto dele. Parecia que o seu *timing* estava desfasado, porque falavam muitas vezes no mesmo momento. Quando estava com William e ele dizia alguma coisa, respondiam ambos e as suas palavras sobrepuham-se. Julia respeitava Kent — afinal, ele planeava entrar na faculdade de medicina — e achava que ele era uma boa influência para William. Parte do seu desconforto era um desejo de que Kent gostasse dela. Não tinha a certeza disso. Na sua presença, ela folheava mentalmente possíveis conversas, procurando uma que os pusesse em sintonia.

— Boa noite, General — disse Kent quando a viu nessa tarde.
— Ovi dizer que estás a dar cartas no mundo corporativo.

— Não me chames isso — pediu ela, mas sorriu. Era impensável levar o que quer que Kent dissesse como um insulto; o seu tom e sorriso pronto não permitiam essa possibilidade. — Como vai o basquete?

— Alegre — disse ele, e a forma como proferiu a palavra fez Julia pensar no momento em que Cecelia respondera a uma pergunta com um excitado «púrpura». — O nosso rapaz estava a sentir-se ele próprio no treino de hoje — disse Kent. — Ele está a divertir-se este verão. É bomvê-lo assim.

Aos ouvidos de Julia, havia um toque de censura, mas não percebia em que medida merecia a censura de Kent. Julgaria ele que ela não queria que William se divertisse?

Quando Kent se despediu, ela sentou-se num banco à espera. Abanou a cabeça, irritada por ter deixado que o amigo de William a perturbasse. Tirou o espelho da bolsa e retocou o batom. Depois, quando avistou o seu lindo noivo a sair do ginásio no meio de um grupo de homens altos e desengonçados, levantou-se. Ela tinha encontrado recentemente uma conhecida sua da aula de Biologia do primeiro ano, que lhe dissera: «Ouve dizer que estás noiva daquele rapaz alto com olhos bonitos. Ele é muito giro.» Julia apertou com força a mão de William enquanto se dirigiam a um café para jantar.

William movia-se lentamente e era incapaz de manter uma conversa até ter ingerido mil calorias e readquirido cor no rosto. Julia, pelo contrário, tagarelava com entusiasmo, incapaz de parar de falar acerca de cada momento do seu dia.

— O Professor Cooper diz que sou uma solucionadora de problemas nata — disse ela.

— E tem razão — William recortou a sua batata assada numa grelha e comeu um quadrado.

— Estava aqui a pensar... Tens trabalhado na tua escrita? — Ela aprendera a não lhe chamar «livro». — Podias usá-lo como a tua tese final.

— Está uma trapalhada — disse ele. — Não tenho tido muito tempo para ele ultimamente, e não consigo perceber como abordar o material.

— Adorava lê-lo.

Ele abanou a cabeça. Ela queria perguntar *O Kent leu-o?*, mas não queria ouvir William responder que sim. Ela queria ler o livro

porque estava interessada, para perceber se era bom. Se havia potencial para construir uma carreira com base nele.

— Este ano vou estar de início — disse ele. — O treinador disse que o meu jogo deu um salto.

— Estar de início?

— Começar todos os jogos. Farei parte dos melhores cinco. Quando vierem os olheiros da NBA, ver-me-ão jogar.

— Isso é ótimo — disse ela. — Vou gritar por ti.

Ele sorriu.

— Obrigado.

— Já contaste aos teus pais que estás noivo?

Ele abanou a cabeça.

— Não contei. Eu sei que devia, mas... — Hesitou. — Não acredito que eles estejam interessados.

Julia concedeu-lhe um sorriso que sabia ser demasiado tenso. Há semanas que ele evitava contar aos pais. Ela acreditava que a razão era sentir-se embaraçado por lhes dizer que pedira em casamento uma rapariga italiana de uma família pobre. Ele contara-lhe o suficiente sobre a sua educação para ela saber que o pai tinha um emprego impressionante e que a mãe não precisava de trabalhar. O mais provável era terem grandes expetativas para o seu único filho, mas William não queria admiti-lo, e ela não anunciaria francamente o seu medo. Então, com uma voz tensa que combinava com o sorriso, disse:

— Isso é ridículo. São teus pais.

— Ouve — disse ele —, sei que é estranho se não os convidar para o casamento, mas acho que não precisamos de o fazer. — Vendo a expressão dela, acrescentou: — Estou só a ser honesto. Eu sei que é estranho.

— Vais telefonar-lhes esta noite — disse ela —, e eu vou estar ao telefone contigo. Sou encantadora. Eles vão adorar-me.

William ficou calado por um momento, e as suas pálpebras descaíram de uma forma que indicava que tinha ido para muito

longe dela. Quando ergueu os olhos, fitou-a como se ela fosse um problema que precisava de resolver.

— Tu amas-me — disse ela.

— Sim — confirmou William, e a palavra pareceu ter resolvido algo dentro dele. — OK, vamos a isso.

Uma hora mais tarde, partilhando o duro banco de madeira na antiquada cabina telefónica do corredor da residência dele, ligaram para Boston. A mãe de William atendeu e ele disse olá. A mulher parecia surpreendida por ouvir a sua voz, embora fosse educada. Então, Julia falou — a sua voz parecendo muito amplificada aos seus próprios ouvidos, como se falasse por um megafone — e a mãe de William pareceu distante. Disse que tinha qualquer coisa no forno e que era bom que eles se fossem casar, mas que tinha de desligar.

O telefonema terminou em menos de dez minutos.

Julia tentou respirar quando pousou o auscultador, exaurida pela tentativa de alcançar, de tocar a distante mulher do outro lado da linha. Quando conseguiu falar, disse:

— Tinha razão. Ela não quer vir.

— Desculpa — disse ele. — Eu sei que é uma deceção para ti.

A tua visão do casamento tinha toda a gente presente.

Julia estava encostada a William no banco minúsculo. A cabina no corredor estava quente. A temperatura, a deceção e a compaixão de Julia por este rapaz cresceram dentro dela — este rapaz merecia pais que lhe beijassem a bochecha como os seus pais beijavam a sua. Tinham combinado não ter sexo antes de casar, embora tivessem estado perto de quebrar essa resolução uma ou duas vezes. A mulher ao telefone entregara William a Julia de uma forma que parecia tão significativa como um voto de casamento. Ela precisava de cuidar dele; precisava de o amar, com cada parte de si. Tinha, aliás, de o fazer naquele preciso momento. Estava corada, tinha a saia torcida na cintura por causa da posição no banco e precisava de estar mais perto dele para que tudo ficasse bem.

— Podemos ter privacidade no teu quarto? — disse.
O companheiro de quarto dele tinha ido passar o verão fora.
William assentiu com a cabeça, com o rosto dominado pela
interrogação.
Ela pegou-lhe na mão e conduziu-o pelo corredor, para dentro
do quarto, e trancou a porta atrás deles.

Poderá o amor curar uma pessoa ferida?

Uma história comovente sobre como é possível amar alguém, não apesar de quem a pessoa é, mas por causa disso mesmo.

William Waters cresceu numa casa silenciada pela tragédia, na qual os seus pais mal conseguiam olhar para ele, muito menos amá-lo; mas quando conhece a vivaz e ambiciosa Julia Padavano, é como se o seu mundo se iluminasse. E com Julia vem a sua família, pois ela e as três irmãs são inseparáveis: Sylvie, a sonhadora, é feliz com o nariz enfiado nos livros; Cecelia é um espírito livre, apaixonado pelas artes; Emeline cuida pacientemente de todos eles. Com os Padavanos, William experimenta um novo sentimento: ter um lar, pois cada momento naquela casa é repleto de caos amoroso.

É então que a escuridão do passado de William vem à tona, colocando em risco não apenas os planos cuidadosamente pensados por Julia para o futuro de ambos, mas também a inexorável devoção das irmãs umas pelas outras. O resultado é uma desavença familiar catastrófica que muda irremediavelmente as suas vidas.

Será a inabalável lealdade que outrora os ligava forte o suficiente para voltar a reunir-los quando é mais importante?

«Um livro comovedor que nos faz querer o melhor para as personagens e seus destinos. Ann Napolitano narra os altos e baixos da vida com uma precisão dolorosa e obriga-nos a contemplar a complexa tapeçaria do amor familiar que, apesar da dor e da perda, pode voltar a unir-nos.»

The Washington Post



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-781-0



9 789895 897810